

PERIÓDICO DE GEOPOLÍTICA E OCEANOPOLÍTICA

# BOLETIM GEOCORRENTE

ISSN 2446-7014

## Os impactos da pesca predatória no Porto de Montevideú

ESTE E OUTROS 12 ARTIGOS NESTA EDIÇÃO

# BOLETIM GEOCORRENTE

Nº 171 • 20 de outubro de 2022

O Boletim Geocorrente é uma publicação quinzenal do Núcleo de Avaliação da Conjuntura (NAC), vinculado à Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação (SPP) da Escola de Guerra Naval (EGN). O NAC acompanha a Conjuntura Internacional sob o olhar teórico da Geopolítica e da Oceanopolítica, a fim de fornecer mais uma alternativa para a demanda global de informação, tornando-a acessível e integrando a sociedade aos temas de segurança e defesa. Além disso, proporciona a difusão do conhecimento sobre crises e conflitos internacionais procurando corresponder às demandas do Estado-Maior da Armada.

O Boletim tem como finalidade a publicação de artigos compactos tratando de assuntos atuais de dez macrorregiões do globo, a saber: América do Sul; América do Norte e Central; África Subsaariana; Oriente Médio e Norte da África; Europa; Rússia e ex-URSS; Sul da Ásia; Leste Asiático; Sudeste Asiático e Oceania; Ártico e Antártica. Além disso, conta com a seção "Temas Especiais", tratando sobre assuntos latentes das relações internacionais.

O grupo de pesquisa ligado ao Boletim conta com integrantes de diversas áreas do conhecimento, cuja pluralidade de formações e experiências proporcionam uma análise ampla da conjuntura e dos problemas correntes internacionais. Assim, procura-se identificar os elementos agravantes, motivadores e contribuintes para a escalada de conflitos e crises em andamento, bem como seus desdobramentos.

## NORMAS DE PUBLICAÇÃO

Para publicar nesse Boletim, faz-se necessário que o autor seja pesquisador do Grupo de Geopolítica Corrente, do NAC e submeta seu artigo contendo até 400 palavras ao processo avaliativo por pares.

Os textos contidos neste Boletim são de responsabilidade exclusiva dos autores, não retratando a opinião oficial da EGN ou da Marinha do Brasil.

A publicação integral de qualquer artigo deste Boletim somente poderá ser feita citando expressamente autor e fonte, e colocando o link de redirecionamento para o artigo original.

Capa: [Porto de Montevideú](#)

Por: A.Davey

Fonte: Flickr

## CORRESPONDÊNCIA

Escola de Guerra Naval – Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação.  
Av. Pasteur, 480 - Praia Vermelha – Urca – CEP 22290-255 - Rio de Janeiro/RJ -  
Brasil  
TEL.: (21) 2546-9394 | E-mail: [geocorrentenac@gmail.com](mailto:geocorrentenac@gmail.com)

Esta e as demais edições do Boletim Geocorrente, em português e inglês, poderão ser encontrados na [home page da EGN](#) e em nossa [pasta do Google Drive](#).

O NAC também está no [LinkedIn](#), acompanhem nossas postagens.

## CONSELHO EDITORIAL

### DIRETOR DA EGN

Contra-Almirante João Alberto de Araujo Lampert

### SUPERINTENDENTE DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO DA EGN

Contra-Almirante (RM1) Marcio Magno de Farias Franco e Silva

### EDITOR CHEFE

Capitão de Mar e Guerra (RM1) Leonardo F. de Mattos (EGN)

### EDITOR CIENTÍFICO

Capitão de Mar e Guerra (RM1) Francisco E. Alves de Almeida (EGN)

### EDITORES ADJUNTOS

Jéssica Germano de Lima Silva (EGN)

Noele de Freitas Peigo (Facamp)

Thayná Fernandes Alves Ribeiro (UFF)

Victor Eduardo Kalil Gaspar Filho (EGN)

### DIAGRAMAÇÃO E DESIGN GRÁFICO

Guilherme de Oliveira Carneiro (UFRJ)



**ÁFRICA SUBSAARIANA**

Carolina Vasconcelos De Oliveira Silva (PUC-Rio)  
Franco Napoleão A. de Alencastro Guimarães (PUC-Rio)  
Isadora Jacques de Jesus (UFRJ)  
João Victor Marques Cardoso (UNIRIO)  
Luísa Barbosa Azevedo (UFRJ)  
Vanessa Passos Bandeira de Sousa (ESG)

**AMÉRICA DO SUL**

Bruna Soares Corrêa de Souza (UniLaSalle)  
José Martins Rodrigues Junior (UFRJ)  
Luciano Veneu Terra (UFF)  
Otávio Brasileiro Pires de Camargo (UNESP)  
Pedro Emiliano Kilson Ferreira (Univ. de Santiago)

**AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL**

Ana Carolina Vaz Farias (UFRJ)  
Jéssica Pires Barbosa Barreto (EGN)  
Taynah Pires Ferreira (UFRJ)  
Victor Cabral Ribeiro (PUC-Rio)  
Victor Eduardo Kalil Gaspar Filho (EGN)

**ÁRTICO & ANTÁRTICA**

Gabriela Paulucci da Hora Viana (UFRJ)  
Gabriele Marina Molina Hernandez (UFF)  
Raphaella da Silva Dias Costa (UFRJ)

**EUROPA**

Guilherme Francisco Pagliares de Carvalho (UFF)  
Gustavo da Hora (UFRJ)  
Marina Autran Caldas Bonny (UFRJ)  
Rafaela Caporazzo de Faria (UFRJ)  
Victor Magalhães Longo de Carvalho Motta (UFRJ)

**LESTE ASIÁTICO**

João Pedro Ribeiro Grilo Cuquejo (Kobe University)  
Júlia Elias Teodoro Santos Pereira (UFRJ)  
Luís Filipe de Souza Porto (UFABC)  
Marcelle Torres Alves Okuno (EGN)  
Maria Eduarda Araújo Castanho Parracho (UERJ)  
Philippe Alexandre Junqueira (UERJ)  
Rodrigo Abreu de Barcellos Ribeiro (UFF)  
Thomas Dias Placido (UFSC)

**ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA**

Adel Bakkour (UFRJ)  
Amanda Neves Leal Marini (ECEME)  
Dominique Marques de Souza (UFRJ)  
Isadora Novaes dos Santos Bohrer (UFRJ)  
Melissa Rossi (Suffolk University)  
Vitória de França Fernandes (UFRJ)

**RÚSSIA & EX-URSS**

José Gabriel de Melo Pires (UFRJ)  
Luiza Gomes Guitarrari (UFRJ)  
Pedro Mendes Martins (ECEME)  
Pérsio Glória de Paula (Saint Petersburg University)  
Rafael Esteves Gomes (UFRJ)

**SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA**

Guilherme de Oliveira Carneiro (UFRJ)  
Maria Gabriela Veloso Camelo (PUC-Rio)  
Matheus Bruno Ferreira Alves Pereira (UFRJ)  
Thayná Fernandes Alves Ribeiro (UFF)

**SUL DA ÁSIA**

Eduardo Araújo Mangueira (UFRJ)  
Gabriela Siqueira Duarte dos Santos (UFRJ)  
Iasmin Gabriele Nascimento dos Santos (UFRJ)  
Lucas Mitidieri (UFRJ)  
Rebeca Vitória Alves Leite (EGN)

**TEMAS ESPECIAIS**

Alessandra Dantas Brito (EGN)  
Bruno Gonçalves (UFRJ)  
Guilherme Novaes Silva Pinto (UFRJ)  
Maria Claudia Menezes Leal Nunes (USP)  
Raquel Torrencilha Spiri (UNESP)



# SUMÁRIO

<p><b>AMÉRICA DO SUL</b></p> <p>Os impactos da pesca predatória no Porto de Montevideu..... 5</p> <p><b>AMÉRICA DO NORTE &amp; CENTRAL</b></p> <p>Proibição californiana à mineração de fundos oceânicos ..... 6</p> <p><b>ÁFRICA SUBSAARIANA</b></p> <p>África do Sul: um Estado marítimo? ..... 6</p> <p>Projetos <i>offshore</i> de GNL em Moçambique avançam para garantir a segurança energética..... 7</p> <p><b>ORIENTE MÉDIO &amp; NORTE DA ÁFRICA</b></p> <p>Movimentação grega no Mar Egeu e as relações com a Turquia ..... 8</p> <p>Formação de um novo governo: os desdobramentos da crise política iraquiana..... 9</p> <p><b>RÚSSIA &amp; Ex-URSS</b></p> <p>Entre a guerra e a paz: o frágil cessar-fogo em Nagorno-Karabakh..... 10</p> <p>O setor pesqueiro russo sob novas perspectivas..... 11</p>	<p><b>LESTE ASIÁTICO</b></p> <p>A ameaça complexa e a falta de política realista para lidar com a Coreia do Norte ..... 13</p> <p>O papel chinês nas Operações de Paz da ONU ..... 14</p> <p><b>SUL DA ÁSIA</b></p> <p>A Crise Econômica do Sri Lanka ..... 15</p> <p><b>SUDESTE ASIÁTICO &amp; OCEANIA</b></p> <p>Acordo Mercosul-Cingapura: um exemplo do pensamento a longo prazo brasileiro ..... 16</p> <p><b>TEMAS ESPECIAIS</b></p> <p>Hidrogênio: a promessa do futuro ..... 16</p> <p>Artigos Selecionados &amp; Notícias de Defesa..... 18</p> <p>Calendário Geocorrente..... 18</p> <p>Referências..... 19</p> <p>Mapa de Riscos..... 20</p>
--	---

## PRINCIPAIS RISCOS GLOBAIS

Desconsiderando a pandemia de COVID-19

Por: Luísa Barbosa



Created with mapchart.net

Para mais informações acerca dos critérios utilizados, acesse a página 19.

## Os impactos da pesca predatória no Porto de Montevidéu

Taynah Pires Ferreira

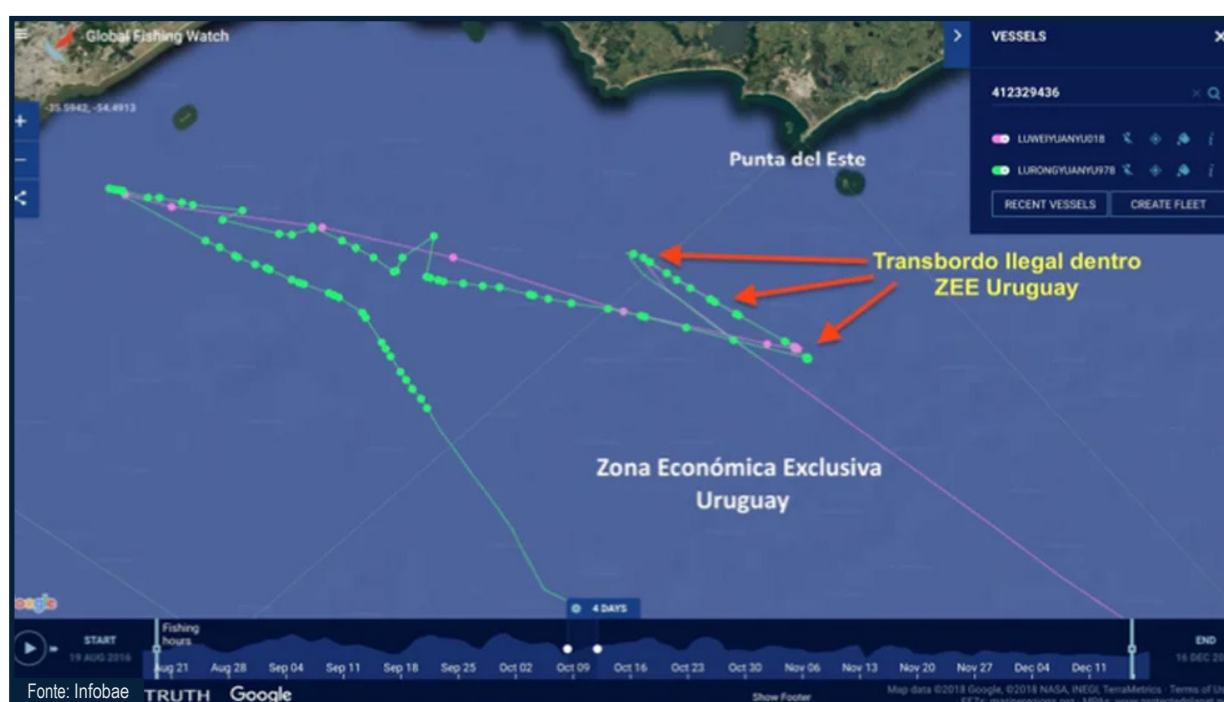
Tido como um dos principais portos de cargas do Mercosul, o Porto de Montevidéu é considerado estratégico tendo relevância econômica para América do Sul. Localizado no Rio da Prata, o porto uruguaio atua na lógica de *Free Port system*, a fim de fomentar a atividade comercial através da atração de embarcações estrangeiras. No entanto, o porto enfrenta problemáticas vinculadas ao não-monitoramento de embarcações. Tais questões perpetuam sérios transtornos ao porto, dentre elas, a pesca ilegal, não declarada e não regulamentada (INN). Dessa forma, pergunta-se como a pesca INN impacta negativamente a biodiversidade marinha e a economia uruguaia, e quais os prejuízos impostos ao Porto de Montevidéu?

Segundo a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO, em inglês), a pesca INN representa uma ameaça socioambiental, afetando diretamente a prática pesqueira regulamentada e o ecossistema marinho. No Porto de Montevidéu, essa operação ilegal é favorecida pelo transbordo, prática que consiste no deslocamento de um contêiner de uma embarcação para outra, durante a fase intermediária de transporte. Apesar de constituir uma atividade legítima, sua associação à pesca INN dá-se pela falta de monitoramento, regulação e controle, propiciando a atuação de embarcações pesqueiras não-regulamentadas. Para a biodiversidade marinha uruguaia, os riscos ambientais atrelados à prática predatória são

materializados pela sobrepesca, levando à extinção de diversas espécies marinhas a nível regional.

Por conseguinte, uma das principais atividades econômicas uruguaias é impactada. Estima-se que a pesca regulamentada gera ao país cerca de US\$ 100 milhões anualmente em exportações. Para além das perdas econômicas, os prejuízos para o Porto de Montevidéu também se traduzem nos âmbitos social e jurídico. No plano social, a pesca INN aliada ao transbordo facilita a exploração de trabalhadores, expondo-os a uma condição de vulnerabilidade. Já no plano jurídico, a falta de transparência nos processos e operações representa um desrespeito às normativas internacionais ratificadas pelo Uruguai, entre elas, o *Acuerdo sobre Medidas del Estado Receptor* (AMERP), que visa combater e eliminar a pesca INN.

Por fim, o governo uruguaio, assim como os de outros países da região, tem tomado ações para mitigar os efeitos da pesca predatória em seus oceanos. A título de exemplo, ressalta-se a participação em iniciativas multilaterais, promovidas pela FAO, a fim de cumprir as medidas do AMERP, através da implementação de medidas normativas, jurídicas e operacionais. Destaca-se, também, no nível interno, a necessidade de implementação de controle mais rígidos de monitoramento e fiscalização das embarcações que navegam pelo Porto de Montevidéu.



## Proibição californiana à mineração de fundos oceânicos

Victor Gaspar Filho

Nos Estados Unidos (EUA), o Legislativo do estado da Califórnia aprovou por unanimidade, em setembro de 2022, o *California Seabed Mining Prevention Act*, que proíbe a mineração no leito das porções oceânicas do estado em até 3 milhas para fora da costa. A medida não impede a exploração de hidrocarbonetos e não possui ingerência sobre águas sob jurisdição federal, de 3 a 200 milhas, sujeitas a permissões emitidas pelo Departamento do Interior. Como medidas do gênero podem beneficiar a proteção de ecossistemas marinhos?

A criação do instrumento utilizou uma argumentação baseada, sobretudo, no Princípio da Precaução, afirmando que cerca de 0,01% do leito oceânico fora explorado internacionalmente e que a atividade mineradora seria capaz de provocar impactos significativos ainda sequer descobertos. O Ato também traz como embasamento instrumentos análogos dos estados do Oregon (1991) e de Washington (2021), fazendo com que, somados à Califórnia, os três estados protejam todas as águas estaduais da costa oeste dos EUA, em uma área de cerca de 20 mil km<sup>2</sup>. Ademais, utilizam como paralelo uma resolução do Parlamento Europeu (2021) clamando pela implementação de uma moratória contra a exploração comercial (exploração) de minerais do leito oceânico com base na preservação da biodiversidade, além do voto de 81 governos e agências governamentais a favor de

uma moratória, durante o Congresso de 2021 da União Internacional para a Conservação da Natureza.

As empresas hoje interessadas na exploração comercial de minerais depositados no leito oceânico, em águas internacionais, ou sob jurisdições nacionais, procuram aumentar a oferta de recursos que serão utilizados em equipamentos geradores de energias limpas ou no armazenamento em baterias. Todavia, no caso dos estuários californianos, os recursos ali presentes não são apropriados para as cadeias de valor da transição energética. Os minerais abundantes na região são metais preciosos e semipreciosos, além daqueles utilizados em fertilizantes, que segundo o texto do Ato, não seriam atualmente escassos.

As medidas sub e supranacionais adotadas nos últimos anos resultam em uma proteção tímida contra a atividade mineradora em fundos oceânicos. Entretanto, podem orientar futuras decisões nacionais a favor da implementação de moratórias contra a atividade em águas sob jurisdições nacionais e mesmo em águas internacionais. A decisão da Califórnia, como o mais rico estado dos EUA, tem o potencial para ser reproduzida em diferentes locais do mundo, evitando assim a destruição de diversos ecossistemas com os diferentes impactos oriundos da atividade mineradora.

DOI 10.21544/2446-7014.n171.p06.

## ÁFRICA SUBSAARIANA

## África do Sul: um Estado marítimo?

A África do Sul possui uma posição geográfica estratégica, banhada pelos Oceanos Atlântico, glacial Antártico e Índico, tendo predominância do comércio marítimo. No entanto, o governo sul-africano não possui uma estratégia marítima integrada para salvaguardar os 2.850 km de litoral. Com a maior e mais movimentada zona portuária da África Subsaariana, possui o segundo maior PIB da sub-região, composto por cerca de 98% do comércio marítimo. Tal conjuntura explicita a importância do reconhecimento das potencialidades marítimas do país. Dessa maneira, questiona-se: como o espaço marítimo tem sido visado pelo governo sul-africano?

Segundo o documento dos interesses nacionais da África do Sul, lançado em agosto de 2022, os oceanos têm o potencial de contribuir com US\$ 177 bilhões para o

PIB nacional e criar mais de um milhão de empregos até 2033. O governo reconhece a importância dos oceanos para a economia com foco no transporte marítimo, exploração *offshore* de petróleo e gás natural, pesca, aquacultura e turismo marítimo e costeiro. Assim, busca se posicionar como um Estado marítimo até 2030 a partir da implementação de um mapa de sua rota marítima feito com auxílio do navio hidrográfico *SAS Protea*. Com foco na segurança marítima, a iniciativa fortalece as capacidades navais de combate à pirataria em sua Zona Econômica Exclusiva, sugere o monitoramento aéreo do ambiente marinho e propõe a criação de uma Guarda Costeira.

Nota-se que o país adota legislações de segurança marítima regionais como a Estratégia Marítima Integrada 2050, a Carta de Lomé e a Agenda 2063 da

União Africana. Em ambos os documentos, o combate aos ilícitos marítimos é notado, sendo um importante espaço de atuação da Marinha da África do Sul. O país também se engaja em algumas iniciativas de cooperação marítima, tanto as realizadas pela Comunidade de Desenvolvimento da África Austral que visam à segurança marítima regional, quanto com os países do BRICS, prioridade política e econômica de seus interesses nacionais. Como exemplo, tem-se o exercício naval IBSAMAR, juntamente às Marinhas do Brasil e Índia, cuja quinta edição ocorreu entre 13 e 18 de outubro

de 2022 em Simon's Town, cidade portuária sul-africana. Infelizmente, por questões logísticas, o Brasil não enviou navio para esta edição.

Dessa maneira, a África do Sul pretende projetar-se como um Estado marítimo, ao passo que coopera regional e internacionalmente visando salvaguardar seus interesses nacionais. A predisposição marítima e reconhecimento da relevância para a economia do país indicam que uma estratégia integrada entre os *stakeholders* deste setor impulsionaria as potencialidades do Estado.



DOI 10.21544/2446-7014.n171.p06-07.

## Projetos *offshore* de GNL em Moçambique avançam para garantir a segurança energética

João Victor Marques Cardoso

O gás natural liquefeito (GNL) é um importante insumo para garantia da segurança energética. Tradicionalmente, a região Ásia-Pacífico agrega os principais exportadores e importadores, porém, o conflito na Ucrânia e o foco da União Europeia (UE) em eliminar a dependência dos energéticos da Rússia, têm mirado oportunidades para a diversificação neste mercado. A África busca se destacar para suprir essa nova demanda e Moçambique lidera em número de projetos. Destarte, questiona-se: quais desafios as condições locais de segurança impõem às companhias internacionais?

A capacidade mundial de liquefação atingiu, em 2021, 460 milhões de toneladas por ano (MTPA), possuindo até meados de 2022, 136,2 MTPA em novos projetos. Por sua vez, o comércio alcançou 372,3 milhões de toneladas em 2021, sendo 4,5% superior a 2020, com destaque para a Austrália, maior exportadora, e a China, que ultrapassou o mercado consumidor do Japão e dos EUA, tendo também a segunda maior capacidade operacional.

Do lado africano, as reservas de gás do Norte da África possuem infraestrutura de gasodutos conectada à Europa

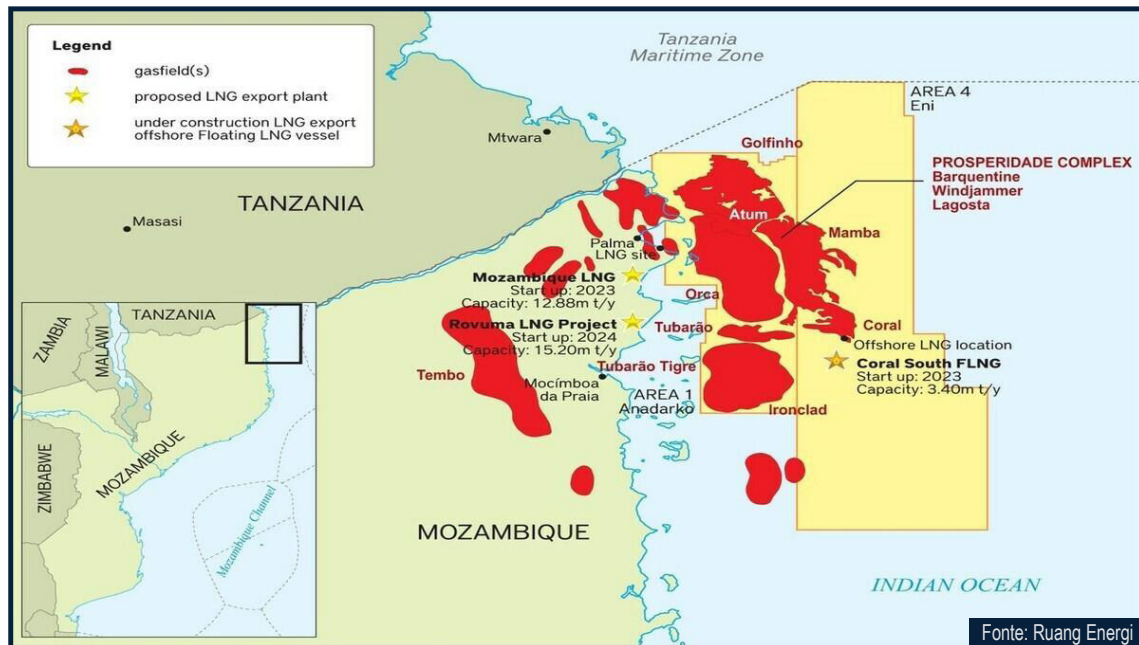
e, na África Ocidental, a Nigéria busca financiamento para projetos similares. Entretanto, nos países mais distantes do mercado europeu, como Moçambique, os projetos de GNL são mais aceitáveis do ponto de vista logístico, além de permitirem a flexibilidade para também alcançarem a Ásia. Apesar disso, a insurgência na província de Cabo Delgado distancia o início das atividades produtivas de acordo com o perfil dos projetos, que reúnem 52,2 MTPA.

O projeto de US\$20 bilhões e 12,8 MTPA da francesa *TotalEnergies* foi paralisado em 2021 devido aos ataques, adiando o início da produção para 2025. O projeto possui participação da japonesa *Mitsui*, das indianas *ONGC*, *BPCL* e *Oil India*. Da mesma forma, o projeto Rovuma (15,2 MTPA) da estadunidense *ExxonMobil* foi reformulado para otimizar a capacidade e reduzir os riscos de segurança aos trabalhadores. Já o projeto Coral Sul (3,4 MTPA), operado pela italiana *Eni*, conseguiu avançar com a instalação da primeira unidade *offshore* flutuante de liquefação em águas profundas da África, cujo primeiro carregamento com destino à Europa é

esperado para este mês de outubro de 2022.

As condições de segurança em Moçambique têm sido um desafio regional, justificando, desde julho de 2021, o uso do pacto de defesa mútua, o apoio de uma missão militar da Comunidade de Desenvolvimento da África Austral (SADC, na sigla em inglês) e forças militares de

Ruanda. Apesar do conflito terrestre permitir o avanço relativamente mais acelerado dos projetos *offshore*, futuramente uma maior capacidade naval será exigida para a segurança marítima e a atratividade do gás em Moçambique.



DOI 10.21544/2446-7014.n171.p07-08.

## ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA

### Movimentação grega no Mar Egeu e as relações com a Turquia

*Dominique Marques*

No final de setembro de 2022, navios gregos foram vistos por drones da Turquia desembarcando 23 veículos militares blindados com rodas táticas, doados pelos Estados Unidos (EUA), nas ilhas de Midilli e Sisam, no Mar Egeu, as quais não podem ser militarizadas, de acordo com as leis internacionais estabelecidas após a Primeira Guerra Mundial. Anteriormente, em 23 de agosto, a Turquia alegou que a Grécia havia usado os sistemas de defesa aérea *S-300* para ameaçar caças *F-16* da Força Aérea turca. Essas ações gregas levaram o Presidente turco, Recep Erdogan, a ameaçar Atenas a pagar “um preço alto”, caso a Grécia não interrompesse tais atividades. Há alguns anos, Ancara vem questionando seus aliados da OTAN sobre esse tipo de ação militar respaldada pelos EUA. Diante disso, por que a relação entre Ancara e Atenas tem se deteriorado recentemente?

Desde que assumiu, Erdogan tem alterado substancialmente a política externa turca, portando-se como uma potência revisionista em busca de retomar o papel central e geoestratégico da Turquia na região. Para Erdogan, o país possui a maior costa do Mediterrâneo

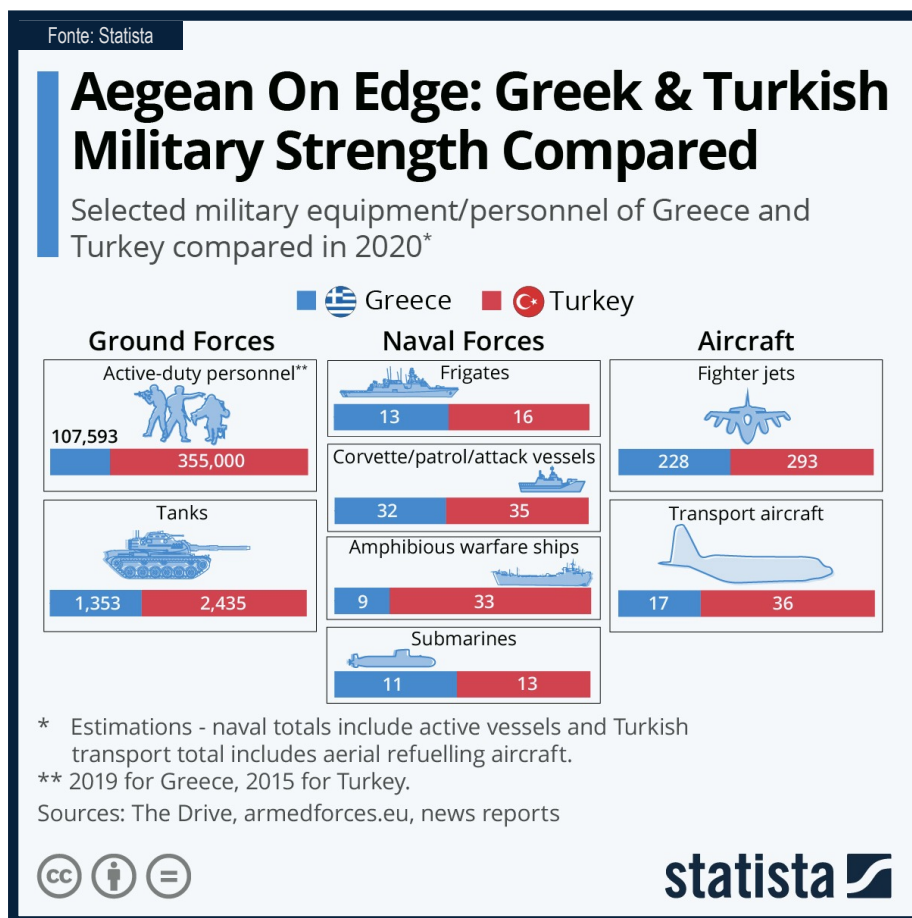
e, ao mesmo tempo, é supostamente aquele com menos direitos, potencialmente excluído pelos seus parceiros ocidentais. Como reação, enquanto membro da OTAN, Ancara tem se aproximado da Rússia, principal rival da aliança, gerando aumento nas desconfianças e forte impasse diplomático, o que pode ajudar a explicar esse tipo de ação da Grécia e o suporte dos EUA a ela.

O patrulhamento diário e interceptações de Ancara e Atenas nos mares próximos às suas costas também guarda relações com as descobertas de gás na Zona Econômica Exclusiva do Chipre em 2018 ([Boletim 84](#)). O principal objetivo estratégico turco é se tornar uma potência energética internacional. Desde a década de 1970, Ancara vem buscando acordos sobre seus direitos no Mar Egeu, a fim de retomar sua soberania, demandando revisão nos tratados do século passado sobre as divisões das ilhas no local, que ficaram, em grande maioria, com a Grécia como parte dos acordos de guerra. Erdogan também pediu na 77ª Assembleia Geral da ONU neste ano que se reconheça o norte do Chipre como território turco.



Assim como a Europa teme uma expansão russa, dado o conflito na Ucrânia, a situação turca não deixa de ser semelhante. Ambas são potências geopolíticas e

com grande potencial de abastecimento energético para o continente europeu. O momento é delicado para as relações da Europa com os países euroasiáticos.



DOI 10.21544/2446-7014.n171.p08-09.

## Formação de um novo governo: os desdobramentos da crise política iraquiana

Amanda Marini

A conjuntura instável no Iraque possui raízes históricas, datadas do início desse século. Com a retomada de importantes cidades controladas pelo Estado Islâmico, como Mossul, em 2017, o governo apresentou sinais de que estaria se reerguendo aos poucos. No entanto, desde antes da pandemia de COVID-19, Bagdá já passava por uma complicada instabilidade institucional que se refletiu em diversas esferas políticas. Assim, qual é o cenário por trás da atual crise política?

Quase um ano após as eleições parlamentares de outubro de 2021, com suspensão de sessões legislativas, desentendimentos partidários, protestos violentos, revoltas populares e meses de desavenças, na última quinta-feira, 13 de outubro, um novo presidente foi eleito, o político curdo Latif Rashid. No entanto, as severas divergências e impasses entre os grupos se somam com a forte presença, ingerência e militância de grupos religiosos nos assuntos públicos. Essa é uma realidade

acentuada pelas eleições do ano passado, como ilustra o aumento dos parlamentares ligados aos xiitas. Assim, é um cenário que acarreta muitas complexidades e desafios que o atual governante deverá enfrentar.

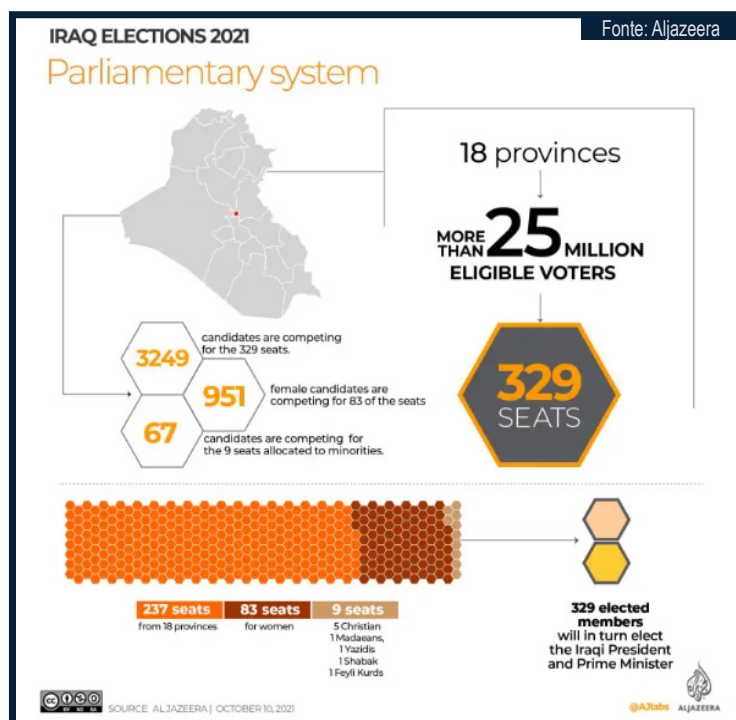
A atual conjuntura desencadeou uma paralisia política sem precedentes, com manifestações e protestos políticos intensos, fatores que estimulam o fortalecimento de milícias, grupos paramilitares e a influência de atores externos, como o Irã, apoiador de muitos desses grupos, sobretudo os de maioria xiita. Essa escalada de violência e tensão agravou a instabilidade reinante não apenas no Iraque, mas na região do Golfo Pérsico, uma vez que muitos nacionais acabaram migrando para países vizinhos, desde a escalada da crise política neste ano.

Um outro elemento importante, e que gera muita expectativa da população sobre o novo governo, é a atual situação dos curdos no país, que anseiam pela implementação dos seus direitos

constitucionais. Esse é um dos debates mais relevantes, considerando-se que o presidente eleito é curdo e a atuação desse grupo étnico na política iraquiana tem sido repleta de controvérsias: as constantes rivalidades e tensões entre os seus dois principais partidos desempenham um papel decisivo na atual instabilidade política, especialmente na dificuldade em formar uma coalizão governamental.

O Iraque vivencia mais um momento político

complexo em sua história contemporânea. Mesmo com dificuldades políticas e sectárias existentes e todo o impasse gerado, o país conseguiu definir o novo presidente. Nesse ambiente de incertezas e expectativas, o governo de Latif Rashid terá muitos desafios para enfrentar a instabilidade reinante. Assim, diante de todos os desdobramentos acarretados e as tensões vivenciadas, Bagdá tenta se reerguer perante mais essa crise política que assola o país.



DOI 10.21544/2446-7014.n171.p09-10.

## RÚSSIA & EX-URSS

### Entre a guerra e a paz: o frágil cessar-fogo em Nagorno-Karabakh

Rafael Esteves

A eclosão da chamada Segunda Guerra de Nagorno-Karabakh em 2020 iniciou uma nova fase na disputa territorial entre Armênia e Azerbaijão. Mais recentemente, em setembro de 2022, houve uma escalada das tensões, com ataques do Exército azeri contra posições armênias ao longo da fronteira, levando à morte de dezenas de soldados de ambos os lados. Assim, questiona-se: o que levou o Azerbaijão a realizar tais ataques contra a Armênia, no atual contexto internacional?

Inicialmente, é importante entender que a disputa pela região de Nagorno-Karabakh se origina no período soviético, ainda que o conflito tenha eclodido após o final da bipolaridade. Apesar de o Azerbaijão continuar reivindicando soberania, o cessar-fogo de 1994 estabeleceu o controle armênio na região. Apesar da trégua, a interrupção dos combates não encerrou definitivamente o conflito, com a ocorrência de

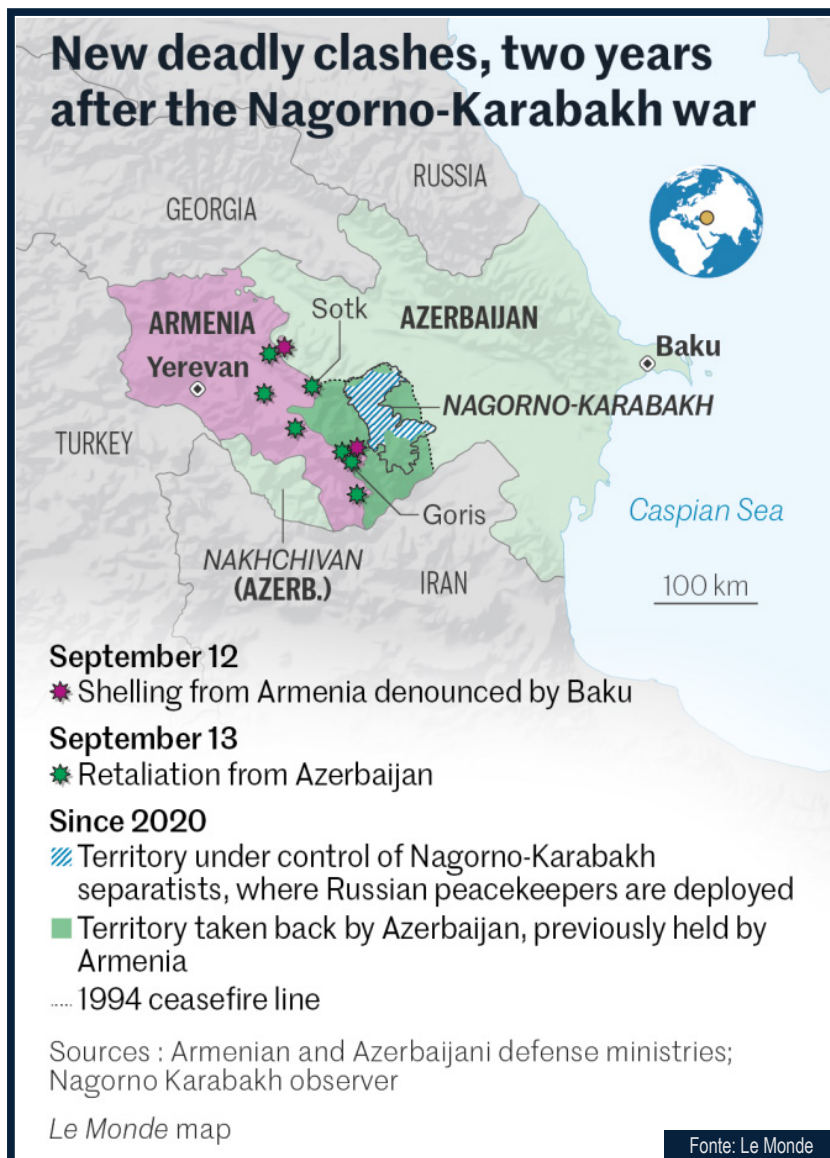
escaramuças ao longo da região disputada. Nesse sentido, a guerra de 2020, que estabeleceu a vantagem azeri na disputa, pode ser entendida como uma continuação dos confrontos da década de 1990. As negociações em 2020 também contaram com protagonismo da Rússia, que estabeleceu uma divisão na região, monitorada por soldados russos.

Considerando tais questões, para compreender a atual situação em Nagorno-Karabakh, é necessário entender a inserção internacional do principal mediador da questão: a Rússia. Tendo em vista o conflito na Ucrânia e as sanções ocidentais, prioridades na política externa russa, o país pode estar dedicando menor envolvimento diplomático, material e militar à questão. Com isso, e considerando as superioridades no campo de batalha, Baku pode estar se aproveitando da atual conjuntura para garantir maiores vantagens nas negociações de paz. Ademais, o Azerbaijão se aproveita da fragilidade armênia, devido à grande

dependência econômica e tecnológica de Moscou, seu maior comprador e fornecedor, sendo destino de 29% das exportações e origem de 22% das importações armênias. É importante salientar que, apesar da fragilidade, Yerevan não cede às pressões azeris, elevando a tensão entre ambos os países.

Assim, conclui-se que na questão de Nagorno-

Karabakh, o Azerbaijão se aproveita da conjuntura internacional atual e da aparente superioridade no campo de batalha para obter vantagens nas negociações de paz, que sofrem com a resistência armênia. Mesmo com as conversas, a paz ainda se mantém distante e, mais uma vez, uma escalada de conflito é possível.



DOI 10.21544/2446-7014.n171.p10-11.

## O setor pesqueiro russo sob novas perspectivas

Luiza G. Guitarrari

A pesca é um setor crucial para a segurança econômica e alimentar de diversos países. No caso da Rússia, sua extensa zona costeira lhe impõe tanto vantagens para exploração, quanto desafios na ordem de Segurança e Defesa. Aliado a isso, o país é considerado um dos maiores produtores mundiais de frutos do mar: um potencial de US\$ 31,7 bilhões, segundo a Agência Federal de Pesca russa. Em 2021, as exportações atingiram o montante de 1,16 milhão de toneladas, sendo também o oitavo maior exportador para os Estados Unidos, com cerca de US\$

1,2 bilhão. Face as sanções a Moscou, quais atitudes o país tem tomado para garantir a segurança alimentar de sua população?

No início do mês de outubro, o governo norueguês declarou que irá limitar o acesso de navios de pesca russos a seus portos. A medida, além de corresponder às restrições econômicas propostas pelo Ocidente, ainda ambiciona fomentar a segurança no Mar Báltico, frente ao recente episódio de possível sabotagem aos gasodutos *Nord Stream 1* e *Nord Stream 2*. Nesse sentido, além

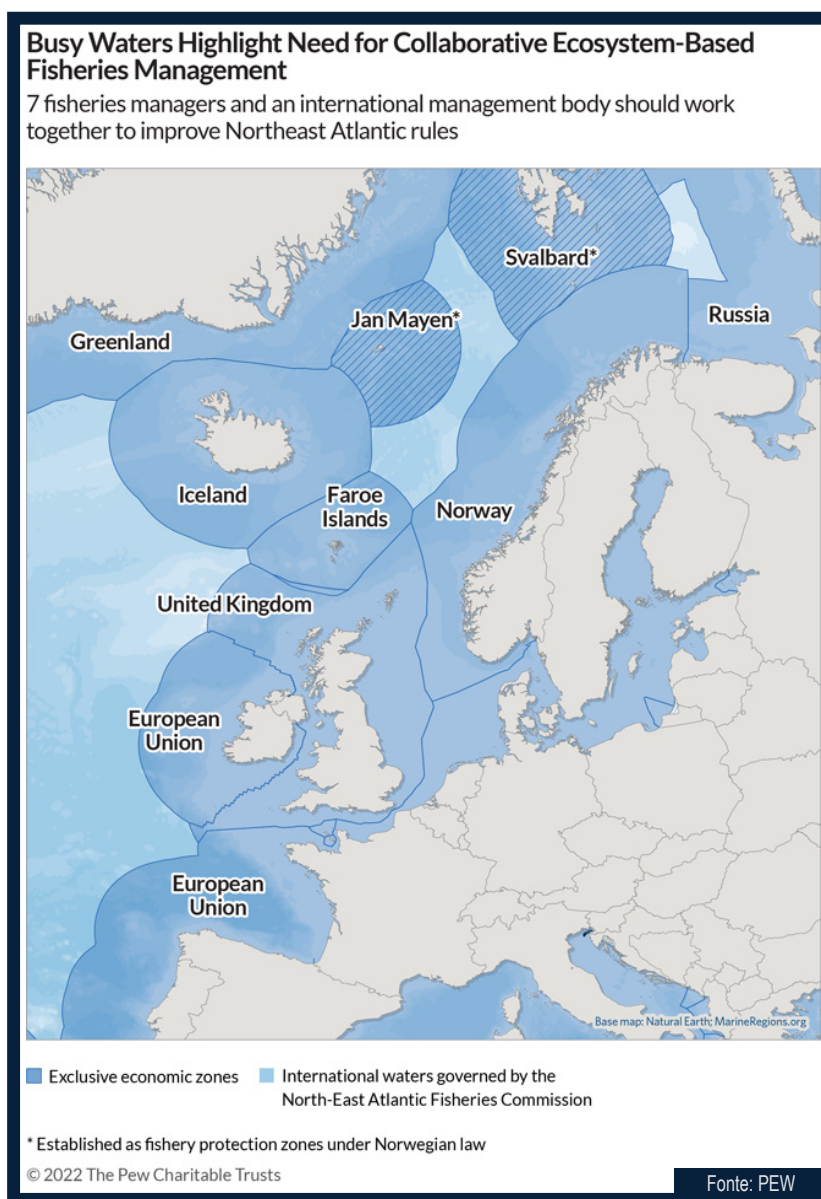
de passarem por verificações de segurança, os navios de pesca de bandeira russa poderão fundear apenas em três portos: Kirkenes, Båtsfjord e Tromsø.

A crescente tensão que se instaura na região também pressionou o governo das Ilhas Faroé (território dinamarquês) a revisar sua cooperação pesqueira com a Rússia. O acordo permite aos russos pescar nas águas faroenses e realizar a gestão conjunta da pesca e seu estoque. Apesar das sanções atuais, as Ilhas Faroé conservaram o comércio com Moscou, mas mantiveram restrições aos navios russos, com exceção dos pesqueiros, como a Noruega o fazia.

Em contraponto, o governo russo destacou ainda no mês de julho que, mesmo com as sanções ocidentais,

a Rússia deverá desenvolver sua indústria pesqueira e fomentar a cooperação nesse setor no eixo oeste-leste. Assim, garantindo não somente a segurança alimentar, mas aquecendo sua própria economia junto a parceiros como a Indonésia, que no mês de setembro, expandiu a cooperação com a Rússia neste setor. Segundo a Agência Federal de Pesca russa, a recente dinâmica pode viabilizar a exportação de produtos pesqueiros e a transferência de tecnologia russa para o país asiático.

Portanto, apesar da encruzilhada econômica e política que Moscou se encontra, o Estado russo seguirá buscando potenciais parceiros para suprir as lacunas deixadas pelo Ocidente, sendo a Indonésia um exemplo.



## A ameaça complexa e a falta de política realista para lidar com a Coreia do Norte

Marcelle Torres

Em 14 de outubro de 2022, Pyongyang lançou um míssil balístico de curto alcance (SRBM, na sigla em inglês) e realizou disparos de artilharia no Mar do Leste e ao norte da fronteira marítima intercoreana *de facto*, conhecida como Linha Limítrofe do Norte (NLL, sigla em inglês), no Mar Amarelo. Ressalta-se o anseio revisionista norte coreano quanto à NLL por não reconhecer seus limites, além da área ser historicamente palco de confrontos intercoreanos próximos a cinco ilhas sul-coreanas. Diante da atual abordagem recrudesciente das Coreias e da ocorrência de manobras que põem em xeque a continuidade do Acordo Militar Abrangente que criou uma zona-tampão marítima entre ambas, questiona-se como lidar com a Coreia do Norte.

Em discurso na 77ª Sessão da Assembleia Geral da ONU, Kim Song, Representante Permanente da Coreia do Norte na ONU, declarou que a península coreana vive um ciclo vicioso de tensão e confronto face à hostilidade estadunidense, instando o fim dos exercícios militares Washington-Seul ([Boletim 170](#)). O Presidente sul-coreano, Yoon Suk-yeol, por sua vez, não fez menção a Pyongyang, como de costume por Presidentes sul-coreanos anteriores: apenas aludiu que tentativas de mudança de *status quo* com o uso de armas nucleares e outras armas de destruição em massa ameaçariam a humanidade, fala interpretada como direcionada também à guerra na Ucrânia.

Seul e Washington argumentam a natureza defensiva dos exercícios, rejeitando a visão norte-coreana de que tais ações justificam o comportamento escalado de Pyongyang. A Coreia do Sul adotou sanções unilaterais a norte-coreanos e a instituições suspeitas de relação em atividades ilegais de financiamento aos programas nuclear e de mísseis. Todavia, o impacto dessas sanções é questionado. Concomitantemente, Seul aperfeiçoa seu sistema dissuasório de três eixos: sistema de ataque preventivo *Kill Chain*, Defesa Aérea e de Mísseis da Coreia (KAMD) e plano de Punição e Retaliação Massiva da Coreia (KMPCR, siglas em inglês).

Com o fracasso das negociações nas últimas décadas, torna-se um desafio estabelecer uma relação de confiança e um acordo crível. As discussões sobre o reconhecimento de Pyongyang como uma potência nuclear e o envio de armas nucleares táticas de Washington para Seul, retiradas em 1991, foram retomadas. Ainda, Cho Tae-yong, Embaixador sul-coreano nos EUA, sinaliza a necessidade de haver maneiras criativas para lidar com o desenvolvimento nuclear de Pyongyang. Reconhecer que a Coreia do Norte é uma ameaça complexa, proveniente de uma “rede de múltiplas causas interativas” – adotando-se a teoria de sistemas complicados e complexos de Roberto Poli –, é um primeiro passo.



## O papel chinês nas Operações de Paz da ONU

Maria Eduarda Parracho e Rodrigo Ribeiro

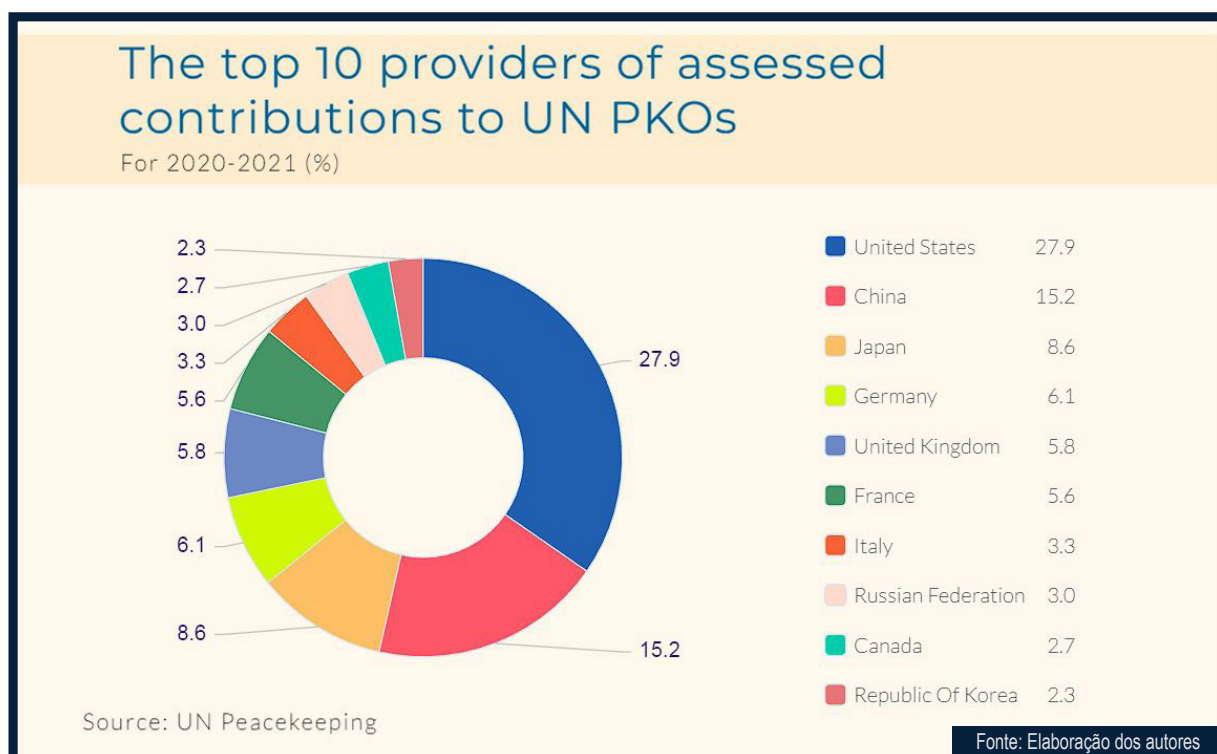
A atuação da China nas Operações de Paz da ONU tornou-se o principal mecanismo do país para intervir nos assuntos ligados à segurança internacional ([Boletim 88](#)). No último dia 25 de setembro, o Ministro das Relações Exteriores, Wang Yi, utilizou-se desta crescente atuação em seu discurso na 77ª sessão da Assembleia Geral da ONU ([Boletim Especial AGNU](#)) para legitimar a Iniciativa de Segurança Global, política criada em abril deste ano para promover a paz e a estabilidade nos moldes chineses. Levando em consideração o novo papel que o país exerce no Sistema Internacional, como essa atuação contribui para garantir seus interesses estratégicos?

A China é, atualmente, o segundo maior contribuidor financeiro do Departamento de Operações de Paz da ONU e único dos membros permanentes do Conselho de Segurança a contribuir com o envio de tropas para as operações. No total, a China contribui com mais de 2.200 *peacekeepers*, distribuídos entre oito operações de paz. A presença chinesa mais robusta (que inclui o envio de militares), se concentra em cinco destas missões: no Sudão do Sul, no Mali, no Líbano, na República Democrática do Congo e no Sudão. Essa presença condiz com a postura defendida pela China em seus Livros Brancos mais recentes e na Iniciativa de Segurança Global. Isto é, ao fomentar esforços multilaterais de manutenção da paz, Pequim aborda a segurança sob

uma perspectiva multilateral, pautada na cooperação, em oposição ao que o país entende como o “modelo ocidental”, marcado por arranjos bilaterais e alianças militares.

Além disso, a presença dos *peacekeepers* pode auxiliar na garantia dos interesses do país na África. Considerando que a China busca se aproximar mais do continente através da expansão de empreiteiras de construção civil e empresas de óleo e gás, essas tropas podem garantir o acesso chinês a recursos estratégicos em zonas de instabilidade, nas quais outras potências evitam intervir, o que põe em questionamento o princípio de não-intervenção da narrativa oficial chinesa.

Portanto, a participação chinesa nas Operações de Paz da ONU se alinha diretamente com seus principais objetivos estratégicos. Ao comprometer-se com instrumentos multilaterais de segurança, Pequim valida seu discurso de compromisso com a segurança global e se projeta como uma alternativa ao modelo de segurança praticado pelo Ocidente. Paralelamente, ao mostrar-se presente na África e no Oriente Médio, a China fortalece seus laços na região e assegura seus principais interesses econômicos e políticos. A tendência é que o país continue investindo em iniciativas multilaterais de segurança e desenvolvimento.



## A Crise Econômica do Sri Lanka

*Eduardo Manguiera*

Em setembro de 2022, a economia do Sri Lanka chegou ao pior patamar desde a independência do país em 1948. A desvalorização da Rúpia e a inflação de mais de 70% culminaram em uma crise humanitária que leva o governo a tomar medidas drásticas internamente e a pedir por ajuda externa. Sendo assim, quais são as origens desta crise, e quais serão as consequências de tal movimentação para o futuro do país?

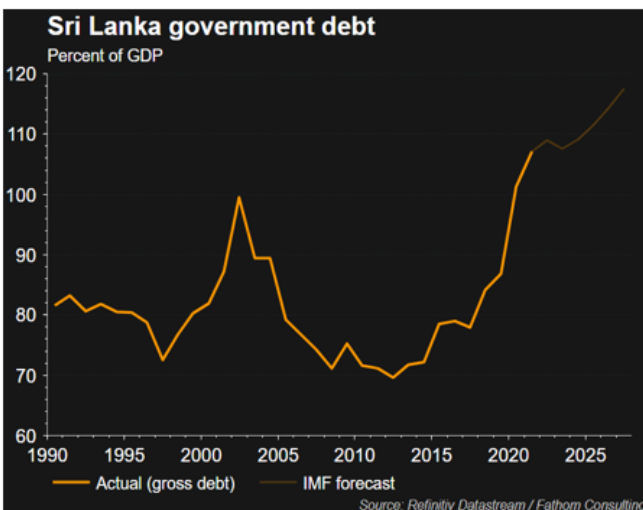
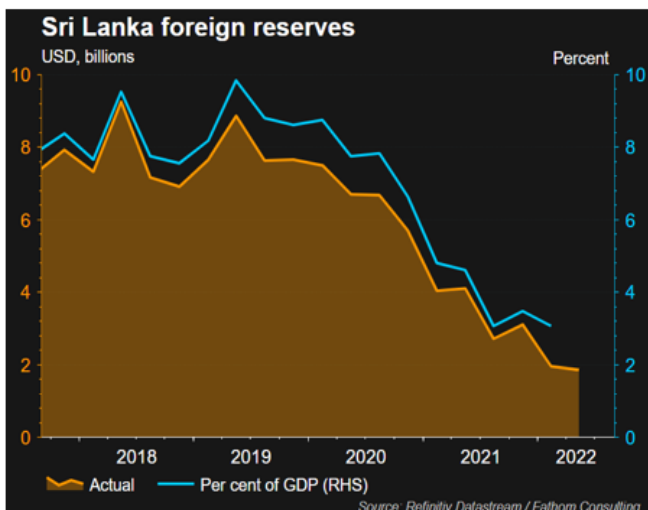
O país insular ocupa uma posição importante no Oceano Índico: localizado ao Sul da Índia, está entre o Mar Arábico e a Baía de Bengala, oferecendo um ponto de suma importância para a projeção na região. De acordo com dados do Fundo Monetário Internacional (FMI), China, Índia e Japão são seus principais credores. A China é uma parceira tradicional que ofereceu empréstimos para diversos projetos de infraestrutura e com uma licença para o uso do porto de Hambantota. A Índia, por sua vez, cedeu um total de US\$ 7 bilhões em empréstimos, mas algumas políticas de pressão sobre o governo cingalês foram altamente impopulares. A presença japonesa no Oceano Índico é mais tímida, mas vem crescendo no campo marítimo.

A crise no Sri Lanka se deve a inúmeros fatores,

dentre os quais destaca-se a falta de apoio externo durante a pandemia da COVID-19, que somou-se à diminuição drástica do turismo, do qual a economia do país dependia. Sem grandes reservas de moeda estrangeira, necessárias para o pagamento de suas dívidas externas, o Sri Lanka sofreu com a falta de alimentos e combustível, levando a protestos que culminaram na renúncia do Presidente, Gotabaya Rajapaksa, que fugiu para Cingapura após manifestantes atarem fogo sobre sua residência. De maneira a contornar esta situação, o país assinou, no início de setembro, um acordo com o FMI, que garantiria US\$ 2,9 bilhões em empréstimos, contanto que seus devedores assintam à reestruturação e ao refinanciamento das dívidas.

Esta crise, que atinge proporções catastróficas, apresenta para as potências regionais uma oportunidade. Espera-se que o envio de ajuda e o alívio de dívidas leve ao aprofundamento da relação de dependência com esses países sem necessariamente incutir opinião popular desfavorável. Assim, será necessária para o Sri Lanka a capacidade de manobrar por esse cenário, procurando evitar tal dependência no médio prazo e recuperar-se da crise pela qual passa.

Fonte: Reuters



**Acordo Mercosul-Cingapura: um exemplo do pensamento a longo prazo brasileiro***Matheus Bruno Ferreira Alves Pereira*

Em julho de 2022, Mercosul e Cingapura assinaram um acordo de livre-comércio que irá formalizar uma série de pontos relacionados a tarifas, regulação comercial, financeira e trânsito de pessoas. O acordo demonstra o crescente interesse do país asiático na América Latina, que também possui tratados de livre-comércio com outros países (Costa Rica, Panamá e Peru) e com o bloco Aliança para o Pacífico. Em 2019, o comércio entre Cingapura e a América Latina alcançou US \$18,5 bilhões.

Tal acordo é um importante marco para o Mercosul, pois foi a primeira negociação estabelecida com um país do Sudeste Asiático e está próximo de sua entrada em vigor. Ainda, para além de um relevante passo para o Bloco econômico, também é um significativo avanço da diplomacia brasileira, que foi um dos principais impulsionadores do tratado. A postura diplomática do Brasil possibilita maior inserção no mercado asiático, pois há pelo menos uma década, o país vem realizando esforços para o estreitamento de laços com esta região, sobretudo no âmbito da Associação das Nações do Sudeste Asiático (ASEAN). A assinatura do Tratado de Amizade e Cooperação da ASEAN, em 2011, a missão diplomática do então Ministro das Relações Exteriores, Aloísio Nunes, em 2017, e a admissão do Brasil como Parceiro de Diálogo Setorial da ASEAN em 2022, são

outros exemplos de uma visão a longo prazo do Itamaraty.

O bloco da ASEAN, composto por dez países, possuía uma população total de 665,9 milhões de pessoas em 2019 e um PIB combinado de US \$3,2 trilhões, segundo a *ASEAN Secretariat*. Os países-membros vêm crescendo com uma estabilidade importante de se observar: Vietnã, Filipinas, Tailândia, Malásia e Indonésia estão previstos para alcançar um crescimento de 7,5%, 5,7%, 3,1%, 5,5% e 5,4%, respectivamente. A demanda interna é fator que contribui para o crescimento, com uma classe média em ascensão e 50% da população do bloco em idade ativa. Em 2021, o comércio entre Brasil e Cingapura, por exemplo, totalizou US \$6,7 bilhões, com um superávit de US \$5 bilhões. As exportações brasileiras são, em sua maioria, da indústria de transformação.

No campo da Defesa, por exemplo, o Brasil já vendeu Super Tucanos para as Filipinas, o sistema *ASTROS II* para a Indonésia e, no ano passado, apresentou o blindado Guarani para a Malásia. Portanto, essa aproximação a longo prazo com o Sudeste da Ásia, poderá render frutos tanto para a área comercial como também de serviços, financeiros e diplomáticos. É uma estratégia acertada do Estado brasileiro buscar se inserir em uma região que já é uma das mais movimentadas e que está sendo disputada comercial e geopoliticamente por atores do sistema internacional.

DOI 10.21544/2446-7014.n171.p16.

**TEMAS ESPECIAIS****Hidrogênio: a promessa do futuro**

Em 2020, o hidrogênio (H<sub>2</sub>), conhecido como o combustível do futuro, começou a fazer parte do debate de política energética. A promessa vem em decorrência da sua natureza química não-resultante em emissões de carbono no processo de uso final, fazendo dele um energético alinhado às orientações para mitigação das mudanças climáticas. Assim, quais as oportunidades, desafios e reverberações geopolíticas para o desenvolvimento desse recurso no Brasil?

Segundo o Plano Decenal de Expansão de Energia 2031 (EPE, 2022), o hidrogênio representa uma oportunidade para a descarbonização do setor de transportes e elétrico, siderúrgicas, refinarias e fertilizantes. Além disso, a molécula pode ser vista como um mecanismo de armazenamento de energia capaz de

contribuir para a redução dos impactos da intermitência das energias renováveis. Ao levar em conta os recentes compromissos ambientais firmados pelos países no âmbito internacional, o mercado mundial demandará cada vez mais de produtos com menos emissão de carbono, o que faz com que o hidrogênio — sobretudo o verde (obtido através de renováveis), azul (através do gás natural) e turquesa (através da pirólise do metano) — seja uma estratégia para reduzir as emissões em cadeias produtivas.

Tendo em vista as características geográficas e de infraestrutura, o Brasil pode se tornar um grande produtor de H<sub>2</sub>. Com um potencial eólico e solar de 1,3 MW, um sistema elétrico integrado em todas as regiões do país e excedente de energia renovável no Nordeste, a

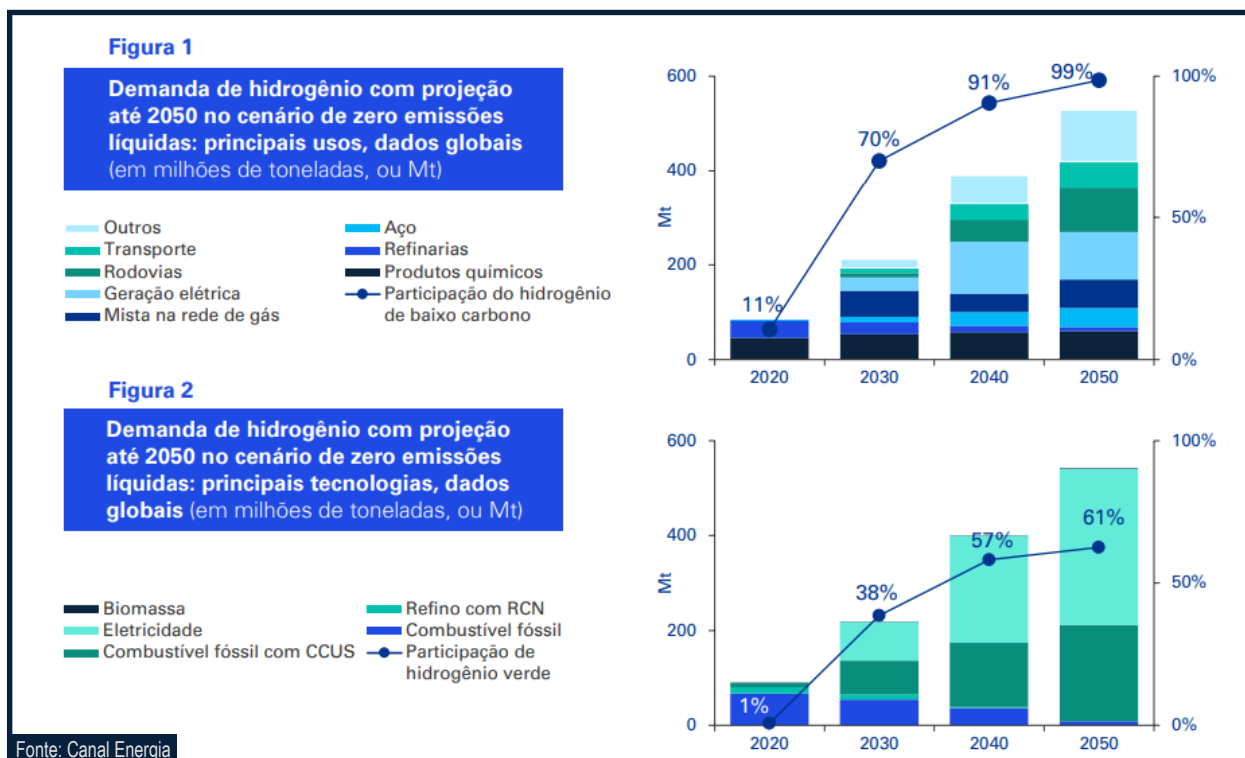
*Bruno Gonçalves*



expectativa de investimentos para o Brasil é relevante. Segundo a Agência Internacional de Energia, em 2018, a demanda mundial por hidrogênio foi de 115 Mt (milhões de toneladas), e a brasileira, de 1 Mt, divididos pelos setores de fertilizantes (50%), refino (37%), químico (8%) e metalurgia/alimentos (4%). De acordo com a EPE, é previsto que, em 2050, a produção do Brasil cresça para 1.850 Mt, destacando os recursos energéticos renováveis *offshore*, principalmente eólicas.

Além de uma esperança de descarbonização, segurança e transição energética, o hidrogênio

representa uma possível alteração na geopolítica mundial, deslocando o poder do petróleo para as nações produtoras de combustíveis renováveis. Entretanto, para isso, é necessário que a produção seja feita numa região abundante em energia, com segurança jurídica, regulatória, política e institucional, além de infraestrutura robusta de transmissão de eletricidade. Basta, agora, observar de que forma os Estados e o mercado tendem encarar o hidrogênio nos próximos anos: se o transformarão em combustível do presente ou se continuará sendo a promessa do futuro.



DOI 10.21544/2446-7014.n1171.p16-17.

- ▶ [How We Would Know When China Is Preparing to Invade Taiwan](#)  
CARNEGIE ENDOWMENT FOR INTERNATIONAL PEACE, John Culver
- ▶ [The US-India Partnership Is Too Important to Lose](#)  
PROJECT SYNDICATE, Brahma Chellaney
- ▶ [The New Biden National Security](#)  
CENTER OF STRATEGIC & INTERNATIONAL STUDIES, Anthony H. Cordesman
- ▶ [New US Arctic Strategy Foreshadows Increasing Hurdles for Cooperation in a More Complex Region](#)  
HIGH NORTH NEWS, Malte Humpert
- ▶ [Russia's 18th-century war](#)  
UNHERD, Edward Luttwak

## CALENDÁRIO GEOCORRENTE

Clique nas caixas para acessar os links referentes:

Por: Maria Eduarda Parracho e Taynah Pires

### OUTUBRO

Principais eventos de 19 a 31 outubro

**21**



**ONU**  
REUNIÃO DE CONSULTA  
SOBRE A RENOVAÇÃO DA  
UNSMIL

**28**



**ITÁLIA**  
FIM DO EXERCÍCIO  
MARE APERTO

**30**



**BRASIL**  
SEGUNDO TURNO DAS  
ELEIÇÕES GERAIS

**31**



**EMIRADOS ÁRABES  
UNIDOS**  
CONFERÊNCIA INTERNACIONAL  
DE PETRÓLEO DE ABU DHABI

### NOVEMBRO

Principais eventos de 01 a 09 novembro

**01**



**ISRAEL**  
ELEIÇÕES PARA  
PRIMEIRO-MINISTRO

**01-02**



**EUA**  
REUNIÃO DO  
FEDERAL RESERVE

**06-18**



**EGITO**  
COP27

**08**



**EUA**  
ELEIÇÕES  
LEGISLATIVAS

- **Os impactos da pesca predatória no Porto de Montevidéu**  
LOAIZA, Yalilé. [Cómo afecta la pesca ilegal china en Uruguay: depredación del mar y ausencia de controles](#). Infobae, 4 out. 2022. Acesso em: 13 out. 2022.  
[Uruguay se incorpora a un proyecto global que permitirá destinar US\\$ 2 millones a mejorar el combate a la pesca ilegal](#). Búsqueda, 14 set. 2022. Acesso em: 13 out. 2022.
  - **Proibição californiana à mineração de fundos oceânicos**  
CALIFÓRNIA. [Assembly Bill No. 1832](#), 19 set. 2022. An act to amend Section 6303 of, and to repeal and add Section 6900 of, the Public Resources Code, relating to public resources. **Califórnia**: Governo do Estado, [2022]. Acesso em: 01 out. 2022.  
HILL, Jos e HAYDEN, Robert. [New California Law Bars Seabed Mining in State Waters](#). The Pew Charitable Trusts, 19 set. 2022. Acesso em: 01 out. 2022.
  - **África do Sul: um Estado marítimo?**  
ÁFRICA DO SUL. [South Africa's National Interest and its advancement in a Global Environment](#). Department of International Relations and Cooperation, ago. 2022. Acesso em: 13 out. 2022.  
VREY, Francois. [South Africa is surrounded by sea but doesn't have a plan to protect it: three steps to get one](#). The Conversation Africa, 20 set. 2022. Acesso em: 20 set. 2022.
  - **Projetos offshore de GNL em Moçambique avançam para a garantir a segurança energética**  
LARSON, Krista. [Europe turns to Africa in bid to replace Russian natural gas](#). AP News, 12 out. 2022. Acesso em: 13 out. 2022.  
LEALI, Giorgio; KULOVIC, Nermina. [Eni brings in first gas from Coral South into FLNG off Mozambique - Offshore Energy](#). Offshore Energy, 20 jun. 2022. Acesso em: 13 out. 2022.
  - **Movimentação grega no Mar Egeu e as relações com a Turquia**  
[Turquia divulga imagens de blindados militares gregos 'ilegais' nas ilhas do mar Egeu](#). CMIO, 26 set. 2022. Acesso em: 15 out. 2022.  
[Footage shows Greek deployment of armoured vehicles on Aegean islands](#). TRT WORLD, 25 set. 2022. Acesso em: 15 out. 2022.
  - **Formação de um novo governo: os desdobramentos da crise política iraquiana**  
[Iraqi parliament elects Abdul Latif Rashid as new president](#). Al-Jazeera, 13 out. 2022. Acesso em: 13 out. 2022.  
SALIM, Mustafa. [Iraq's parliament elects a president as rockets fall on Baghdad](#). The Washington Post, 13 out. 2022. Acesso em: 13 out. 2022.
  - **Entre a guerra e a paz: o frágil cessar-fogo em Nagorno-Karabakh**  
CHIRAGOV, Fuad. [Escalation in Karabakh Casts Shadow Over Peace Process](#). Jamestown Foundation, 04 out. 2022. Acesso em: 13 out. 2022.  
[Upholding the Ceasefire between Azerbaijan and Armenia](#). Crisis Group, 28 set. 2022. Acesso em: 13 out. 2022.
  - **O setor pesqueiro russo sob novas perspectivas?**  
BYE, Hilde-Gunn. [Faroe Island's Fishery Cooperation With Russia Up For Discussion](#). High North News, 12 out. 2022. Acesso em: 15 out. 2022.  
WHITE, Cliff. [Russia's invasion of Ukraine creates turmoil for global seafood market](#). Sea Food Source, 24 fev. 2022. Acesso em: 15 out. 2022.
  - **A ameaça complexa e a falta de política realista para lidar com a Coreia do Norte**  
BYUN, Duk-kun. [S. Korean ambassador to U.S. highlights need for 'creative' ways to counter N. Korean threat](#). Yonhap, 13 out. 2022. Acesso em 14 out. 2022.  
POLI, Roberto. [A note on the difference between complicated and complex social systems](#). Cadmus, 2013. Acesso em 13 out. 2022.
  - **O papel chinês nas Operações de Paz da ONU**  
LYNCH, Colum. [U.N. Peacekeepers to Protect China's Oil Interests in South Sudan](#). Foreign Policy, 16 jun. 2014. Acesso em: 14 out. 2022.  
WANG, Yi. [Making Every Effort for Peace and Development and Shouldering the Responsibility for Solidarity and Progress](#). Ministry Of Foreign Affairs Of The People'S Republic Of China. Nova York, 25 set. 2022. Acesso em: 14 out. 2022.
  - **A crise econômica do Sri Lanka**  
KURUWITA, Rathindra. [Is India Squandering its Social Capital in Sri Lanka?](#) The Diplomat, 28 set. 2022. Acesso em 30 set. 2022.  
JONES, Marc; JAYASINGHE, Uditha. Analysis: [Sri Lanka has an IMF deal, now it courts China and India](#). Reuters, 06 set. 2022. Acesso em: 30 set. 2022.
  - **Acordo Mercosul-Cingapura: um exemplo do pensamento a longo prazo brasileiro**  
Brasil. [Acordo de Livre Comércio Brasil-Singapura: Resumo Informativo](#). Ministério das Relações Exteriores, jul. 2022. Acesso em: 15 out. 2022.  
[South American Mercosur bloc, Singapore conclude trade pact talks](#). Reuters, 20 jul. 2022. Acesso em: 15 out. 2022.
  - **Hidrogênio: a promessa do futuro**  
HUBNER, Nelson; DE CASTRO, Nivalde. [O papel do SEB na criação da indústria nascente do Hidrogênio Verde](#). Canal Energia, 05 out. 2022. Acesso em: 12 out. 2022.  
BRASIL. [Plano Decenal de Expansão de Energia 2031](#). Empresa de Pesquisa Energética, 2022. Acesso em: 12 out. 2022.
- O mapa inicial (pág 04) do Boletim foi produzido pelo MapChart e segue as diretrizes da Creative Commons.

O mapa intitulado “Principais Riscos Globais”, exposto na página 04 deste Boletim, foi elaborado pelos integrantes do Núcleo de Avaliação da Conjuntura da Escola de Guerra Naval. Os critérios utilizados para analisar os fenômenos internacionais e determinar quais devem constar no mapa se baseiam na relevância destes para o Brasil, sendo eles: presença de brasileiros residentes na região, influência direta ou indireta na economia brasileira e impacto no Entorno Estratégico brasileiro. Ademais, serão considerados os interesses dos membros permanentes do Conselho de Segurança das Nações Unidas. Após a seleção dos fenômenos, estes são categorizados em alto risco (vermelho) ou médio

risco (laranja), seguindo parâmetros que refletem a gravidade do risco: quantidade de vítimas, relevância dos atores envolvidos, impacto na economia global e possibilidade da escalada de tensões. Os países em cinza representam conflitos monitorados, caso tenha agravamento do risco, este passa a ser vermelho ou laranja.

As análises são refeitas a cada edição do Boletim, com o objetivo de reavaliar e atualizar as regiões demarcadas, bem como a cor utilizada em cada um. Desta forma, são sempre observados os principais fenômenos, distribuídos em alto e médio risco. Abaixo, encontram-se *links* sobre os riscos apontados no mapa:

Por: Luísa Barbosa

### ► ALTO RISCO:

- AFGANISTÃO - Crise estrutural: [A new civil war in Afghanistan is brewing. Can we reverse it?](#). **Modern Diplomacy**, 15 out. 2022. Acesso em: 17 out. 2022.
- ARMÊNIA E AZERBAIJÃO - Conflito em Nagorno-Karabakh: [Armenia-Azerbaijan: EU sets up monitoring capacity along the international borders](#). **European Council**, 17 out. 2022. Acesso em: 17 out. 2022.
- BELARUS - Tensão regional: [Belarus says it will host just under 9,000 Russian troops](#). **Reuters**, 16 out. 2022. Acesso em: 17 out. 2022.
- BURKINA FASO - Instabilidade Sociopolítica: [Burkina Faso coup leader Ibrahim Traore named transitional president](#). **France 24**, 15 out. 2022. Acesso em: 16 out. 2022.
- ETIÓPIA - Conflito entre governo e forças insurgentes: [Calls grow for Ethiopia peace effort as fighting intensifies](#). **Associated Press**, 16 out. 2022. Acesso em: 17 out. 2022.
- HAITI - Crise estrutural e instabilidade política: [Canada, US send military equipment to crisis-torn Haiti](#). **Al Jazeera**, 16 out. 2022. Acesso em: 17 out. 2022.
- IÊMEN - Crise humanitária: [Saudi-led coalition launches massive attack on Yemen Hudaydah](#). **Mehr News Agency**, 16 out. 2022. Acesso em: 17 out. 2022.
- LÍBANO - Crise estrutural: ['A lovely little trip': Economic desperation drives Lebanon residents to tragedy at sea](#). **The National News**, 16 out. 2022. Acesso em: 17 out. 2022.
- MALI - Conflitos internos e tensões regionais: [Two U.N. peacekeepers killed, four injured in Mali attack](#). **Reuters**, 17 out. 2022. Acesso em: 17 out. 2022.
- MIANMAR - Golpe militar: [Tribunal de Mianmar estendeu pena de prisão de Aung San Suu Kyi para 26 anos](#). **CNN Brasil**, 12 out. 2022. Acesso em: 17 out. 2022.
- MOÇAMBIQUE - Conflito entre governo e forças insurgentes: [Mozambique jihadi violence spreads despite military effort](#). **Associated Press**, 16 out. 2022. Acesso em: 17 out. 2022.
- RÚSSIA E UCRÂNIA - Conflito Militar: [Ukraine war: Kyiv attacked by 'kamikaze drones', say officials](#). **BBC**, 17 out. 2022. Acesso em: 17 out. 2022.
- SÍRIA - Insegurança regional: [Russian, Syrian regime 'kill 20 fighters in Syria' in Daraa](#). **The New Arab**, 17 out. 2022. Acesso em: 17 out. 2022.

• SOMÁLIA - Crise eleitoral e humanitária: [Somalia Warns Traders Not To Pay Off Islamist Militants](#). **Barrons**, 15 out. 2022. Acesso em: 17 out. 2022.

• SRI LANKA - Crise estrutural: [Sri Lanka's vulnerable forced to risk "a pathway to destitution"](#). **IFRC**, 14 out. 2022. Acesso em: 17 out. 2022.

► MÉDIO RISCO:

• IRAQUE - Crise política: [Iraqis fear another false dawn after politicians break year-long deadlock](#). **BBC**, 13 out. 2022. Acesso em: 17 out. 2022.

• LÍBIA - Crise estrutural e tensão eleitoral: [EU Parliament warns Libya against "illegal drilling" in Mediterranean based on Turkey deal](#). **The Libya Update**, 15 out. 2022. Acesso em: 17 out. 2022.

• SUDÃO - Golpe de Estado e conflito fronteiriço: [FFC forces say defeating Sudan's coup requires unity, transparency](#). **Sudan Tribune**, 17 out. 2022. Acesso em: 17 out. 2022.

• VENEZUELA - Crise estrutural: [La ONU reveló que hay 7,1 millones de venezolanos migrantes y refugiados y que más de la mitad no accede a tres comidas diarias](#). **Infobae**, 12 out. 2022. Acesso em: 17 out. 2022.

• PAQUISTÃO - Instabilidade sociopolítica: [Flood Woes Continue in Pakistan](#). **Earth Observatory**, 13 out. 2022. Acesso em: 17 out. 2022.

• REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO - Conflitos internos: [Supporting Dialogue and Demobilisation in the DR Congo](#). **International Crisis Group**, 10 out. 2022. Acesso em: 17 out. 2022.

► EM MONITORAMENTO:

• COLÔMBIA - Crise migratória: [Qué ha cambiado en la frontera entre Colombia y Venezuela a 3 semanas de la esperada apertura](#). **Al Jazeera**, 13 out. 2022. Acesso em: 17 out. 2022.

• COREIA DO NORTE - Teste de mísseis: [North Korea fires missile after airgraft buzz South Korea border](#). **Al Jazeera**, 13 out. 2022. Acesso em: 17 out. 2022.

• EL SALVADOR - Instabilidade sociopolítica: [El Salvador: 55,000 suspected gang members arrested since March](#). **Al Jazeera**, 15 out. 2022. Acesso em: 17 out. 2022.

• EQUADOR - Instabilidade sociopolítica: [Por la frontera sur entran explosivos que se usan para delinquir en Ecuador; incluso circulan para cruzar a Colombia](#). **El Universo**, 14 out. 2022. Acesso em: 17 out. 2022.

• EUROPA OCIDENTAL - Tensões com a Rússia e crise energética: [EU countries agree to train Ukrainian soldiers as part of new mission](#). **Euro News**, 17 out. 2022. Acesso em: 17 out. 2022.

• GOLFO DA GUINÉ - Insegurança marítima conjuntural: [Downward trend in piracy continues in the Gulf of Guinea](#). **Defence Web**, 14 out. 2022. Acesso em: 16 out. 2022.

• IRÃ - Protestos contra o governo: [Iran's president blames Biden for 'chaos, terror' amid anti-regime protests](#). **The Hill**, 16 out. 2022. Acesso em: 17 out. 2022.

• MAR DO SUL DA CHINA - Exercícios navais conjuntos: [U.S. Navy Supports Australia's Indo-Pacific Deployment Alongside Canada, Japan in the South China Sea](#). **US Navy Newsroom**, 17 out. 2022. Acesso em: 18 out. 2022.

• MAR DA CHINA ORIENTAL - Tensões regionais: [Japan Sees Rise in Fighter Scrambles Against Chinese Aircraft](#). **The Diplomat**. 14 out. 2022. Acesso em: 17 out. 2022.

• NICARÁGUA - Crise política: [Nicarágua aprova lei para ditadura controlar audiovisual, e ativistas acusam censura](#). **Folha de São Paulo**, 13 out. 2022. Acesso em: 17 out. 2022.

- NIGÉRIA - Conflitos internos: [Top Nigerian Government Officials, Security Operatives Involved In Oil Theft —Report](#). **Sahara Reporters**, 16 out. 2022. Acesso em: 17 out. 2022.
- PERU - Instabilidade política: [Pedro Castillo: Peru's embattled president faces fresh legal battle](#). **BBC News**, 13 out. 2022. Acesso em: 17 out. 2022.
- TAIWAN - Tensões entre China e EUA: [Xi Jinping Warns off US He Piles Political and Military pressure on Taiwan](#). **Financial Times**, 16 out. 2022. Acesso em: 17 out. 2022.